

CASA ASSOMBRADA

Se o século XX foi o século americano, então o Hotel Chelsea, em Nova Iorque, foi a casa das artes americanas, altas e baixas. Aqui viveu, entre 1940 e 1989, o compositor Virgil Thomson, autor da banda sonora do “Macbeth” de Orson Welles e da ópera “Four Saints in Three Acts” (Gertrude Stein). Arthur Miller passou lá a maior parte dos anos 60, recuperando do seu casamento falhado com Marilyn Monroe; a catarse resolveu-se no quarto n.º 614 com a escrita da peça “After the Fall”. Outros dramaturgos que ocuparam o Chelsea incluem Eugene O’Neill e Tennessee Williams. Os pintores Willem de Kooning e Jasper Johns foram hóspedes de longa duração, e Andy Warhol e Paul Morrissey filmaram, *in loco*, as suas “Chelsea Girls”. Inspirado pela canção dos Beatles ‘She’s Leaving Home’, Milos Forman realizou o seu primeiro filme americano, “Taking Off”, em Nova Iorque e ficou aboletado no hotel. Leonard Cohen compôs ‘Chelsea Hotel #2’ em 1974 (‘I remember you well in the Chelsea Hotel’). Patti Smith viveu lá o seu romance com Robert Mapplethorpe. Em “Just Kids” — o livro de reminiscências que lhe valeu um National Book Award em 2010 —, Smith descreve o hotel como “um refúgio energético e desesperado para montes de gente nova, talentosa e atrevida, de todas as origens e classes. Guitarristas inúteis e miúdas pedradas, com vestidos vitorianos. Poetas drogados, dramaturgos, realizadores falidos e atores franceses. Quem aqui entra é alguém, embora lá fora não seja ninguém”. Os jotas das músicas não escaparam à sedução caótica do hotel: Jim Morrison, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Joni Mitchell e outros entraram e ficaram

semanas, meses e anos, conforme os casos. Os Dylan, idem, idem, aspas, aspas: Bob Dylan compôs lá canções que deram a volta ao mundo (‘Sara’, por exemplo), e o poeta galês Dylan Thomas saiu do Chelsea em coma alcoólico para ir morrer no hospital, dias depois. Tinha aconselhado — em verso — o pai moribundo: “Do not go gentle into that good night”; chegara a sua vez de enfrentar a morte, essa “noite bondosa”. Poetas e escritores *beat*, como Allen Ginsberg, Gregory Corso e Charles Bukowski, fizeram do Chelsea o seu porto de abrigo. William Burroughs terá (ou não) lá escrito páginas de “The Naked Lunch” — “o romance sem fim que levará toda a gente à loucura” (no dizer de Ginsberg). Thomas Wolfe (romancista), Larry Rivers (músico e artista pop), Dennis Hopper (ator e fotógrafo) foram outras celebridades com cama e assento certo no Chelsea. Em tempos mais recentes, o ator Ethan Hawke também lá viveu. Nancy Spunger, a namorada de Sid Vicious (dos Sex

Pistols), foi assassinada (à fachada) no quarto n.º 100, em 1978. Tinha apenas 20 anos, mas uma longa vida de sexo, drogas e rock’n’roll. Dizem que os fantasmas de antigos residentes como O’Neill, Wolfe ou Thomas ainda se passeiam pelos corredores e assombram os quartos. Riscado pela firma Hubert, Pirsson and Co., o Hotel Chelsea era, à data da construção (1883/84), o edifício mais alto de Nova Iorque. Com 12 andares, modulado por varandas rendilhadas (pretas) de ferro forjado, em agradável contraste com o revestimento a tijolo cor de rosa, o Chelsea orgulha-se dos seus predicados *arts & crafts*, tipicamente vitorianos. Do terraço, transformado em jardim — Philip Hubert foi o inventor do *roof garden* —, desfrutava-se uma vista espetacular da Big Apple. A escadaria interior vorticista, também de ferro forjado, é um convite ao suicídio. Concebido como uma das primeiras cooperativas residenciais de luxo, o Chelsea passou a hotel em 1905. Situado no coração do (então) distrito dos teatros,

teve Sarah Bernhardt como um dos primeiros clientes ilustres; Mark Twain foi outro. Declarada a bancarota em 1939, o Chelsea foi comprado em 1942 por três famílias — os Grosses, os Krauses e os Bards —, que o transformaram num dos mais apetitosos hotéis residenciais da cidade. O gerente, Stanley Bard, colecionava artistas como quem cultivava flores. Quando o dinheiro faltava, os residentes pagavam em espécie — pinturas e outras obras de arte, que iam decorar o famoso átrio. Se a arte era boa e valiosa, o tempo o diria. O cheiro da criatividade permeava o hotel, juntamente com o da erva (marijuana), das fragrâncias de marcas caras, do mofo ou dos Gauloises de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Por fora, o prédio era imponente e atraente; por dentro, uns *bas-fonds*, umas catacumbas da imaginação. A festa durou meio século. Em 2007, Stanley foi corrido pelos descendentes das outras duas famílias, que impuseram uma gestão mais profissional. Adivinhava-se que nada seria como dantes. Alguns dos velhos residentes tiveram ordem de despejo (embora, dos cerca de 250 quartos e apartamentos, 100 continuam ocupados por hóspedes permanentes). Uma certa boémia teima em não desaparecer. Há quem lhe chame a leveza insustentável da decadência... Em 2007, Abel Ferrara começou a filmar. O produto final, “Chelsea on the Rocks” (2009), é uma pastelada de entrevistas e depoimentos, filmagem de arquivo, recriação *kitsch* de episódios escandalosos (Sid & Nancy, etc.), exercícios indulgentes (o próprio Ferrara a debitar profanidades ou de guitarra nos braços a cantarolar uma balada) e algumas intervenções com piada (Stanley Bard, Milos Forman, Ethan Hawke). Os residentes não gostaram. Em outubro de 2010, soube-se que o Chelsea fora posto à venda por 70 ou 80 milhões de dólares. Soaram os alertas: a História, mesmo a da arte, não se vende. A última esperança estava num consórcio com David Bard (filho de Stanley) como figura de proa. Não funcionou. A transação — ainda secreta — ocorreu há meses. Há quem assegure que os fantasmas dos hóspedes ilustres e trágicos já começaram a fugir. J.C.



“NEON” (DO LIVRO “15 ANOS: CHELSEA HOTEL”, 1999)